

DISCUSSÃO DO GÊNERO ROMANESCO A PARTIR DAS OBRAS *MADAME BOVARY*, DE GUSTAVE FLAUBERT E *NO MOINHO*, DE EÇA DE QUEIRÓS

A DISCUSSION ON THE NOVELISTIC GENRE FROM WORKS *MADAME BOVARY*, BY GUSTAVE FLAUBERT, AND *THE MILL*, BY EÇA DE QUEIROZ

Daniele Ferreira¹

Edenilson Przybyszewski Mikuska²

RESUMO: O presente trabalho visa traçar um paralelo entre as protagonistas das obras *Madame Bovary* (1857), de Gustave Flaubert e *No moinho* (1902), de Eça de Queirós, considerando a sua condição de leitoras de romances. Assim, abordamos a sua relação com o gênero romanesco e o desejo das personagens. Nas obras estudadas, temos as personagens Emma e Maria, leitoras de romances que têm suas vidas transformadas (ou corrompidas) justamente pela leitura. Nos contextos das obras há uma apropriação do desejo idealizado pelas personagens que acontece através de um mediador, por um terceiro elemento, ou seja, as leituras de romances românticos. Esta análise será amparada principalmente pela perspectiva do desejo mimético, do teórico francês Renée Girard. Em sua obra *Mentira romântica, verdade romanesca* (2009) o pensador concebe o desejo humano como sempre intermediado pelo desejo do outro. Nas obras estudadas, percebe-se claramente que o desejo das protagonistas por uma vida diferente é intermediado pelas sugestões feitas pelas leituras de romances românticos. Ou seja, o desejo não é despertado pelo objeto desejado, mas sim por um terceiro elemento: o romance.

Palavras-chave: Madame Bovary. Leitura. Desejo mimético.

ABSTRACT: This academic paper aims to describe a parallel between the protagonists of the literary works *Madame Bovary* (1857), of Gustave Flaubert, and *The Mill* (1902), of Eça de Queiroz, considering its condition of novels readers. Thus, we approach their relationship with the novelistic genre and the desire of the characters. In the literary works studied, we have the characters Emma and Mary, novels readers that have their lives transformed (or corrupted) just for reading. In the literary works contexts there is an appropriating of desire designed by the characters that happens through a mediator, by a third element, therefore, the romantic novels readings. This analysis will be supported mainly by the perspective of mimetic desire, of the French theorist Renee Girard. In his literary work, *Deceit, Desire and the Novel: Self and Other in Literary Structure* (2009) the thinker conceives the human desire as always mediated by the desire of the other. In the literary works studied, it clearly realizes that the desire of the protagonists for a different life is mediated by the suggestions made by the romantic novels readings.

Keywords: Madame Bovary. Reading. Mimetic desire.

¹ Graduada em Licenciatura Letras Português e Inglês das faculdades Santa Amélia (SECAL) daniletrassecal@gmail.com

² Mestre em Linguagem, Identidade e Subjetividade, área de Letras, da Universidade Estadual de Ponta Grossa – UEPG. Professor das Faculdades Santa Amélia (SECAL) mikuskaep@gmail.com

Sumário: 1. Introdução – 2. O Gênero Romanesco: 2.1 Romantismo e Realismo; 2.2 O Desejo Mimético: 2.2.1 Desejo triangular em *Madame Bovary*; 2.2.2 Desejo triangular no conto *No Moinho* – 3. Conclusão.

1. INTRODUÇÃO

Este artigo discute questões relacionadas à teoria do desejo mimético, do pensador francês René Girard, aplicadas a duas obras literárias: *Madame Bovary*, de Gustave Flaubert e *No Moinho de Eça* de Queirós, obras que se assemelham na medida em que tanto Emma quanto Maria da Piedade desejavam viver suas vidas de acordo com o que liam nos romances. No romance *Madame Bovary*, Emma se torna leitora ainda muito jovem. Já no conto *No Moinho*, Maria da Piedade começa a ler romances depois que se apaixona por Adrião, um romancista. Ambas as personagens não conseguiam viver em seus casamentos os desejos que eram despertados através dos romances românticos, então elas se tornam frustradas e dispostas ao adultério. Enquanto leitoras de romances, são desiludidas por um mundo fantasioso, idealizado.

Sabe-se que no início do século XIX houve substancial aumento na procura por romances, principalmente pelo público feminino.³ Nesta discussão sobre o romance e a análise das personagens entende-se que o desejo por aventuras amorosas e até mesmo a traição das personagens Emma e Maria é influenciado por um terceiro elemento: esse terceiro elemento é o mediador. Esse mediador são os romances lidos pelas personagens e é o que de fato estimula o desejo por aventuras que as leva a traição.

2. O GÊNERO ROMANESCO

³O historiador Robert Darnton dá conta que esse fenômeno de aumento de leitores se inicia já no século XVII: “Richardson, Rousseau e Goethe não se limitaram a provocar lágrimas nos seus leitores, porém mudaram várias vidas. *Pamela* e *La nouvelle Héloïse* levaram amantes, esposos e pais a reconsiderar suas relações mais íntimas e, em alguns casos bem documentados, a modificar sua conduta. *Os sofrimentos do jovem Werther* induziu alguns leitores de Goethe a tirar a própria vida (...) Esses primeiros romances românticos podem parecer hoje em dia insuportavelmente piegas, mas para os leitores do século XVIII possuíam um cunho de autenticidade irresistível. Estabeleceram uma nova relação entre autor e leitor e entre leitor e texto” (DARNTON, Robert. **Os best-sellers proibidos da França pré-revolucionária**. Tradução de Hildegard Feist. São Paulo: Companhia das Letras, 1998, p. 233).

Foi a partir do século XIX que o gênero romanesco teve uma presença mais forte na vida dos leitores, passando a fazer parte da atmosfera cultural da época. No entanto, no século XIX, era ainda considerado um gênero menor. É apenas no século XX que ganha status de arte e passa a receber atenção da crítica⁴. Vejamos algumas opiniões e definições sobre o gênero.

O romancista tcheco Milan Kundera trata da seguinte forma o gênero romanesco: “a obra de cada romancista traz uma visão implícita da história do romance, uma idéia do que é o romance”.⁵ O romance traz uma visão longa e complexa da realidade. Afirma Moisés que “o romance é um gênero privilegiado, capaz de abarcar a totalidade do mundo”⁶. Já Mikhail Bakhtin tratou o gênero romanesco como o mais plural e democrático dentre os gêneros literários. Bakhtin acrescenta ainda que: “O romance é o único gênero por se constituir, e ainda inacabado [...] A ossatura do romance enquanto gênero ainda está longe de ser consolidada, e não podemos ainda prever todas suas possibilidades plásticas” (BAKHTIN, 1998, p. 397).

Mas, no século XIX, o romance foi visto com reservas por muitos intelectuais. Eça de Queirós e Gustave Flaubert fazem críticas aos romances românticos por meio das obras *No moinho* e *Madame Bovary*. O gênero romanesco é importante nessas obras na medida em que exerce inegável influência na vida das personagens Emma e Maria. Como afirma o teórico Culler:

Os romances são, em algum nível, sobre os romances, sobre os problemas e possibilidades de representar e dar forma e sentido à experiência. Assim, *Madame Bovary* pode ser lido como uma sondagem das relações entre a ‘vida real’ de Emma Bovary e a maneira como tanto os romances românticos que ela lê quanto o próprio romance de Flaubert conseguem que a experiência faça sentido.⁷

⁴ Mikhail Bakhtin dá testemunho da falta de interesse dos teóricos em relação ao gênero romanesco: “Até o século XX não havia uma colocação nítida dos problemas estilísticos do romance, colocação esta que se baseasse no reconhecimento da originalidade estilística (artisticamente prosaica) do discurso romanesco” (BAKHTIN, Mikhail. **Questões de Literatura e de Estética: a Teoria do Romance**. São Paulo: Hucitec, 1993, p. 71).

⁵ KUNDERA, Milan. **A arte do romance**. Tradução de Teresa Bulhões. São Paulo: Companhia das Letras, p. 04.

⁶ MOISÉS, Massaud. **A literatura portuguesa**. São Paulo: Cultrix, 1994, p. 400.

⁷ CULLER, Jonathan. **Teoria literária: uma introdução**. Tradução de: Sandra Vasconcelos. São Paulo: Beca, 1999, p. 41.

É impossível não associar o romance ao próprio Romantismo, pois o gênero presidiu com a estética romântica e principalmente porque houve uma procura de romances pelos burgueses, como afirma Massaud Moisés:

O romance, no sentido moderno de prosa de ficção, surgiu ao mesmo tempo que o Romantismo. Substituindo a epopéia dos antigos, acabou sendo a epopéia dos modernos: o romance identificou – se imediatamente com o ideal burguês de vida que presidiu a instalação e ao desenvolvimento da estética romântica, a tal que o romance e a classe burguesa parecem ter destinos absoluta e indissolavelmente ligados.⁸

Portanto, o romance como gênero se estabelece definitivamente no século XIX e desde então cai no gosto dos leitores. Pois bem: as personagens aqui analisadas têm muito em comum. Ambas as obras têm o romance romântico como elemento importantíssimo na trama, refletindo a prática que cada vez mais fazia parte da vida das pessoas: a leitura de romances.

2.1 ROMANTISMO E REALISMO

O Romantismo é o movimento artístico e literário predominante na civilização ocidental no século XIX. É marcado por um choque do indivíduo com a realidade. Há um subjetivismo exacerbado, em que o escritor foge do mundo real e se volta para outro mundo, um mundo imaginário. Proença Filho diferencia o Romantismo como estética e o estado de alma romântica:

Um esclarecimento: cumpre, desde logo, estabelecer uma diferença entre 'estado de alma romântica' e o 'movimento literário chamado Romantismo. O estado de alma ou temperamento romântico é uma constante universal caracterizada pelo relativismo, pela busca da satisfação na natureza, no regional, no pitoresco, e tendo na imaginação o meio para fugir do mundo, mundo com o qual o eu do artista entra em conflito. Apóia-se na fé, na liberdade, na emoção. Idealiza a realidade. Assim, mesmo um texto da Antiguidade Clássica ou da Idade Média, ou dos nossos dias, pode apresentar elementos que revelem um temperamento romântico. Já o Romantismo, estilo de época é um movimento estético que configura um estilo de vida e de arte predominante na civilização ocidental no período que compreende aproximadamente a segunda metade do século XVIII e, com forte presença, a primeira metade do século XIX. Como facilmente se depreende, o citado estado de alma romântico encontra na época a sua plena manifestação, tornando-se realidade em todo o mundo ocidental.⁹

⁸ MOISÉS, Massaud. **A literatura portuguesa**. São Paulo: Cultrix, 1994, p. 152.

⁹ PROENÇA FILHO, Domício. **Estilos de época na literatura**. São Paulo: Prumo, 2012, p. 183.

Eça de Queirós criticava severamente a estética Romântica. Da mesma forma, Flaubert também satiriza os escritores românticos que criavam personagens exageradamente idealizadas. Quando Flaubert escreveu seu romance *Madame Bovary*, criticou os romancistas românticos que idealizavam o mundo. *Madame Bovary* não sabia o que era o amor, mas lia muitos livros românticos e é por meio desses livros que começa a idealizar uma vida para si mesma.

Em 1826 na França apareceu a primeira vez o nome “realismo”, quando a revista literária *Mercur de France* publicou o seguinte texto, segundo Weliek:

Esta doutrina literária que a cada dia ganha terreno e que conduzira à fiel imitação não das obras-primas da arte, mas dos originais. Oferecidos pela natureza, poderia, com muita propriedade, ser chamada de realismo. Ao que parece, ela será a literatura do século XIX, a literatura da verdade.¹⁰

A partir de então, o “realismo” começa a fazer parte das obras de arte e das obras literárias que criticavam a sociedade. Sua proposta era o oposto do Romantismo. Na França, o Realismo tem como marco a publicação de *Madame Bovary*: “O escritor francês Gustave Flaubert impulsionou o Realismo literário ao publicar, em 1857, o Romance *Madame Bovary*, uma análise bastante impiedosa da ideologia burguesa romântica”¹¹.

No Realismo faz-se críticas ao comportamento humano, que é marcado pela corrupção, pelo tédio existencial, pela falsidade, pelo adultério, pelo casamento como contrato de interesses etc., todos os temas que até então não eram abordados de maneira explícita na arte e na literatura. Nessa visão nova, expunham-se as características das personagens: as personagens como pessoas comuns, cheias de anseios, sem caráter de heroísmo ou idealizações como no Romantismo.

2.2 O DESEJO MIMÉTICO

Os filósofos Japiassú e Marcondes definem o desejo como algo inato do ser humano: o desejo, na história da filosofia, é sempre entendido como algo espontâneo: “De modo geral, podemos definir o desejo como uma tendência

¹⁰ WELLEK, René. **História da crítica moderna**, 1750-1950. São Paulo: EdUSP, 1972, p. 01.

¹¹ CAMPEDELLI, S.Y. **Literatura, História & Texto**. São Paulo: Saraiva, 1997, p. 161.

espontânea, consciente, orientada para um objeto concebido ou imaginado.” Japiassú afirma ainda que desejo e necessidade são coisas bastante diferentes:

No sentido filosófico, o desejo, como a linguagem, é uma tendência especificamente humana, distinta da simples necessidade. Assim, o Eros platônico enfatiza o objeto “sobrenatural” do desejo, o amor dos belos corpos levando a alma a elevar-se ao amor do bem inteligível.¹²

No entanto, já para o teórico que serve de amparo para este trabalho, o desejo sempre se dá mimeticamente. Para Girard, o desejo, em vez de seguir em linha reta do sujeito pelo objeto, é despertado por um mediador. O teórico chama a isso de “desejo mimético”¹³, ou seja, para o autor, desejamos por imitação. A teoria propõe que o desejo humano só se dá através da presença de um terceiro elemento, a quem o autor chama “mediador”¹⁴. Nas palavras de Girard “O desejo humano é fruto da presença de um mediador, vale dizer, o desejo é sempre mimético”¹⁵. Não desejamos por nós mesmos, mas sim através da imitação do desejo de outrem.

Nas personagens Emma e Maria de Piedade percebe-se claramente o desejo mimético. Ambas são corrompidas ou transformadas por um desejo estimulado através de leituras de romances. Sentem a necessidade de serem amadas, mas ao mesmo tempo tornam-se frustradas por não serem correspondidas, desiludidas por falso casamento, onde não encontram o amor e nem o desejo que é tão satisfatório nas leituras.

2.2.1 DESEJO TRIANGULAR EM MADAME BOVARY

Segundo Girard: “Emma Bovary deseja através das heroínas românticas das quais sua imaginação está repleta. As obras medíocres que devorou na

¹² JAPIASSÚ, Hilton; MARCONDES, Danilo. **Dicionário Básico de Filosofia**. 3. ed. Rio de Janeiro: Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ, 1994, p. 68.

¹³ GIRARD, René. **Mentira romântica e verdade romanesca**. Tradução de Lilia Ledon da Silva. São Paulo: É Realizações, 2009, p. 14.

¹⁴ Girard define dois tipos de mediação: a interna, que ocorre quando o mediador está dentro da esfera de convivência do personagem, e a externa, em que o mediador está fora das relações imediatas do personagem. Um exemplo de mediação interna apontado por Girard é *O vermelho e o negro* (1830), de Stendhal: “Todos os desejos intensos de Julien são desejos segundo o *Outro*. Sua ambição é um sentimento triangular que se alimenta de ódio aos poderosos” (ibid., p. 44). Um exemplo de mediação externa é *Dom Quixote*, que tem o desejo de se tornar cavaleiro despertado pela leitura de romances de cavalaria.

¹⁵ Ibid., p. 17.

adolescência destruíram nela toda a espontaneidade”¹⁶. Nos primeiros capítulos de *Madame Bovary*, percebe-se que o desejo de Emma por algo idealizado é despertado por suas leituras: “E Emma procurava saber o que se entendia exatamente, na vida, pelas palavras felicidade, paixão, embriaguês, que lhe haviam parecido tão belas nos livros”¹⁷. Para a personagem era monótono ficar no convento e para distração ela mergulhava nas aventuras narradas nos romances. Temos um exemplo específico de suas leituras:

Lera *Paulo e Virgínia*¹⁸ e sonhara com a cabana de bambus, o negro Domingos e o cão Fiel, mas principalmente com a amizade terna de algum bom irmãozinho que fosse colher para ela frutos vermelhos em grandes árvores mais altas que campanários, ou que corresse descalço pela areia, trazendo-lhe um ninho de pássaros.¹⁹

Emma era aplicada no convento e até dedicava-se à religião. Mas aos domingos se distraía com as leituras românticas. Mimetizava os sonhos para viver em outros mundos: eram capítulos e mais capítulos que estimulavam seus desejos. Para ela, até os pratos em que se servia a comida num jantar têm cenas que estimulam o desejo por uma outra vida:

Quando completou treze anos, foi o próprio pai que a levou à cidade, para a internar no convento. Apearam-se numa estalagem do bairro Saint-Gervais, onde lhes serviram a ceia em pratos pintados, que representavam a história da *Menina de La Vallière*. As explicações das legendas, cortadas aqui e ali pelo arranhar das facas, exaltavam todas a religião, as delicadezas do coração e as pompas da corte.²⁰

Emma conhecia todas as lamentações e idealizações românticas através das leituras de romances. Essas leituras eram o que realmente lhe despertavam interesse. Percebe-se que o mediador (as leituras) estão sempre presentes influenciando tais comportamentos de Emma:

À noite, antes da prece, fazia-se na sala de estudo uma leitura religiosa. Era, durante a semana, algum resumo de história sagrada ou as Conferências do abade Frayssinous e, aos domingos, trechos do *Gênio do*

¹⁶ GIRARD, René. **Mentira romântica e verdade romanesca**. Tradução de Lília Ledon da Silva. São Paulo: É Realizações, 2009, p. 28.

¹⁷ FLAUBERT, Gustave. **Madame Bovary**. Tradução de Fúlvia Maria Luiza Moretto. São Paulo: Abril, 2010, p. 51.

¹⁸ *Paul et Virginie* – Romance de Bernardin de Saint-Pierre (1737-1814). Publicado em 1787, é a história de amor de dois jovens.

¹⁹ FLAUBERT, Gustave. Op. cit., p. 52.

²⁰ FLAUBERT, Gustave. Op. cit., p. 52.



Cristianismo, a título de recreação. Como ela escutou, as primeiras vezes, a lamentação sonora das melancolias românticas repercutindo-se em todos os ecos da Terra e da eternidade! Se a sua infância tivesse decorrido nos fundos de alguma loja de um bairro comercial, ter-se-ia talvez então aberto às invasões líricas da natureza, que, de ordinário, apenas chegam ao nosso conhecimento na versão dada pelos escritores.²¹

Girard afirma: “A sra. Bovary pertence às regiões 'superiores' do desejo triangular; ela sofre as primeiras investidas de um mal que começa sempre pela mediação externa”²². Ela não deseja o Visconde por ele ter atrativos e sim pelas relações que ela faz dele com personagens de romance. O desejo da protagonista está sempre voltado para a fuga da realidade ou uma realidade idealizada, inventada pela literatura. Quando Emma casa-se com Charles, ela teria o desejo realizado, mas, no entanto, ela o trai por não alcançar esses desejos em seu casamento. Neste trecho o narrador deixa exposto que nem o pai de Emma a compreende em seus devaneios românticos inspirados pela literatura que lia: “Emma pelo contrário, teria desejado casar-se à meia-noite, à luz de tochas, mas o pai Rouault nada compreendeu de tudo aquilo”²³. Emma estabelecia relações de sua vida com as personagens:

Passou a assinar a *Corbeille*, jornal das mulheres, e o *Sylphe des Salons*. Devorava, sem nada esquecer, todos os relatos das primeiras representações, das corridas e dos serões. [...] Estudou em Eugène Sue descrições de mobiliários; Leu Balzac e George Sand, procurando em suas obras satisfações imaginárias para seus desejos pessoais. Trazia seu livro mesmo à mesa e virava as páginas, enquanto Charles comia e lhe falava. A lembrança do Visconde voltava sempre em suas leituras. Ela estabelecia relações entre ele e os personagens inventados. Mas o círculo de que ele era o centro alargava –se pouco a pouco e, como a auréola que ele possuía se afastava de sua figura, ela desdobrou-se mais além para iluminar outros sonhos.²⁴

Emma continua leitora mesmo depois que se casa com Charles, portanto, as leituras estão sempre presentes, intermediando seu desejo. Percebe-se que Charles não tem os mesmos desejos que Emma. Para ela Charles era apenas um “ouvido”:

²¹ FLAUBERT, Gustave. **Madame Bovary**. Tradução de Fúlvia Maria Luiza Moretto. São Paulo: Abril, 2010, p. 53.

²² GIRARD, René. **Mentira romântica e verdade romanesca**. Tradução de Lília Ledon da Silva. São Paulo: É Realizações, 2009, p. 177.

²³ Op. cit., p. 40.

²⁴ Op. cit., p. 80.

“Ela confundia, em seu desejo, as sensualidades do luxo com as alegrias do coração, a elegância dos hábitos e as delicadezas do sentimento”²⁵.

Emma sintetiza certos defeitos em Charles para fugir da realidade imediata, coloca-se contra o marido, detestando a sociedade em que vivia naquele momento, ela não quer viver de situações concretas. Quando conhece Léon, que também é um leitor de livros românticos, ambos estabelecem o mesmo desejo, o mundo das fantasias e desilusões. Nas conversas entre eles o assunto é sempre a leitura de romances românticos, pois desejam o mesmo objeto: aventuras.

Neste trecho percebe-se que a leitura está sempre em destaque: “Minha mulher pouco faz jardinagem – disse Charles; embora se lhe recomende fazer exercícios, prefere ficar no quarto sempre lendo”²⁶. Leon usa de certos clichês românticos para conquistar Emma. O assunto eram suas leituras: “É como eu – replicou Léon – Que há de melhor, realmente, do que ficar à noite ao lado do fogo com um livro, enquanto o vento bate nos vidros, enquanto a lâmpada queima?”²⁷.

Girard propõe que “a paixão cavalheiresca estimula um desejo segundo o outro que se opõe ao desejo segundo si próprio, de que a maioria de nós se vangloria de usufruir”²⁸. Nesta perspectiva, percebe-se o poder da literatura no imaginário: os dois estabelecem uma conversa, logo, percebem que têm o mesmo gosto por romances, tão logo eles se apaixonam. A traição acontece porque é estimulada pela mediação: percebe-se que a personagem é corrompida por um terceiro objeto, o objeto mediador. E este mediador são os livros românticos que apresentam o mundo fantástico que ela identifica nas personagens dos livros que lê e que deseja realizar em sua vida. Emma se sente entediada com a realidade do seu “mundo”, portanto é perceptível aí uma fuga da realidade:

Passamos imóveis, pelos países que julgamos ver, e nosso pensamento, enlaçando-se a ficção, diverte-se com os detalhes ou persegue o contorno das aventuras. Mistura-se com as personagens; parece que somos nos que palpítamos sobre suas vestimentas (...) Já aconteceu, algumas vezes – replicou Léon -, encontrar num livro uma idéia vaga que se teve, alguma imagem embaciada que volta de longe e que parece a completa exposição de seu mais sutil sentimento? - Já senti isso – respondeu ela(...) adoro histórias que se leem de um só fôlego que nos provocam medo. Detesto os

²⁵ FLAUBERT, Gustave. **Madame Bovary**. Tradução de Fúlvia Maria Luiza Moretto. São Paulo: Abril, 2010, p. 80.

²⁶ Ibid., p. 111.

²⁷ Ibid., p. 111.

²⁸ GIRARD, René. **Mentira romântica e verdade romanesca**. Tradução de Lília Ledon da Silva. São Paulo: É Realizações, 2009, p. 27.

heróis comuns e os sentimentos temperados, como existem no mundo.
²⁹ (*Grifo nosso*)

Toda conversa entre Emma e Léon revelava em ambos o gosto pelo mais exacerbado romantismo. Os desejos não surgiram espontaneamente:

Estabeleceu-se entre eles uma espécie de associação, uma conversa contínua sobre livros e romances; o Sr Bovary, pouco ciumento, não se surpreendia. (...) Frequentemente ela lhe pedia que recitasse versos; Léon declamava-os com a voz arrastada, que fazia desvanecer cuidadosamente nos trechos amorosos. (FLAUBERT, 2010, p. 130)

Leon percebe que Emma mergulhava em romances de amor idealizados e aproveita para confundir a realidade com a ficção. Então, se utiliza de romances para seduzi-la. Emma sente-se apaixonada por aquelas palavras. A mediação do desejo de Emma acontece através livros românticos: “como um livro de um romancista pusera na moda a mania das plantas carnosas, Léon comprou algumas para a senhora, que trazia sobre os joelhos, na Hironnelle, piscando os dedos em seus pelos duros”³⁰.

Finalmente Emma realiza o que sempre idealizou nas suas leituras. A protagonista não ama Leon, mas sente o prazer do que lera nas leituras: “Tenho um amante! Um amante!”³¹. Quando ela trai Charles, sente uma satisfação, ou seja, finalmente conseguiu realizar o que lera nos romances. Analisemos a mediação nesse trecho, pois ela associa-se as heroínas dos livros que lera:

Lembrou-se, então, das heroínas dos livros que lera, e a legião lírica daquelas mulheres adúlteras pôs-se a cantar em sua memória com as vozes das irmãs que a encantavam. Ela mesma tornava-se como uma parte real daquelas imagens e realizava o longo de sua juventude vendo-se como aquele tipo de amante que desejara ser. Aliás, Emma sentiu uma satisfação vingativa.³²

A partir da traição, Emma almeja viver mais suas ilusões, pois a identidade dela se confunde com a identidade das personagens, sua existência é amparada por

²⁹ FLAUBERT, Gustave. **Madame Bovary**. Tradução de Fúlvia Maria Luiza Moretto. São Paulo: Abril, 2010, p. 112.

³⁰ O romance que o narrador cita é do escritor Victor Hugo (1831). *Ibid.*, p. 131.

³¹ *Ibid.*, p. 206.

³² FLAUBERT, Gustave. **Madame Bovary**. Tradução de Fúlvia Maria Luiza Moretto. São Paulo: Abril, 2010, p. 206.

suas idealizações. A protagonista vive como as damas dos livros, que sonham e buscam a felicidade. Mas a solidão é inevitável, como também a insatisfação. Ela admira aquelas heroínas, então segue o modelo:

Emma comparava-se àquelas grandes damas de outrora com cuja glória sonhara olhando o retrato de La Vallière e que, arrastando com tanta majestade a cauda da agalorada de seus longos vestidos, retiravam-se para a solidão para espalhar os pés do Cristo de todas as lágrimas de um coração ferido pela existência.³³

Os desejos são incontrolláveis e os romances servem de parâmetro. Tudo o que ela lê, associa às leituras anteriores:

Ela via-se novamente nas leituras de sua juventude, em pleno Walter Scott. Parecia-lhe ouvir, através da névoa, o som das cornamusas escocesas que se repetiam nas charneças. Aliás, como a lembrança de um romance facilitava a compreensão do libreto, ela acompanhava frase por frase.³⁴

A identidade dela se confunde com a dos personagens. A personalidade e a identidade são moldadas pelas leituras. Todos os desejos intensos são atribuídos pelos romances. A personagem sente frequentes momentos intensos, mas não há nada completo, pois ela busca viver em um mundo de idealizações não existenciais, sente-se como as personagens dos romances:

Era a apaixonada de todos os romances, a heroína de todos os dramas, o vago ela de todos os volumes de versos. Ele reconhecia em seus ombros a cor de âmbar da *Odalisca ao banho*; usava corpete longo das castelãs feudais; assemelhava-se à *Mulher pálida de Barcelona*, mas acima de tudo, ela era anjo!³⁵

Nesse caso, a mediação externa acontece quando ela associa o que deseja despertado pelos livros. Emma percebeu que o seu casamento, os passeios a cavalo com Rodolphe não era como lia nos livros, ou seja, não era feliz. Seus desejos não eram realizados, então suas insatisfações tornam-se evidentes, pois o que sonhara não é o real, mas o irreal. Ela sonhara com o belo, com coisas não existentes “um coração de poeta, sob a forma de um anjo, lira de cordas de bronze”³⁶. O narrador deixa explícita a infelicidade da personagem que por não

³³ Ibid., p. 269.

³⁴ Ibid., p. 278.

³⁵ Ibid., p. 330.

³⁶ FLAUBERT, Gustave. **Madame Bovary**. Tradução de Fúlvia Maria Luiza Moretto. São Paulo: Abril, 2010, p. 352.

realizar suas fantasias, tem a sensação de que nada é como imagina nas suas leituras. Ela então faz associações do que lera nos livros e de como é a realidade monótona de sua vida:

Um dia, em que se haviam separado cedo e em que ela voltava sozinha pelo bulevar, percebeu os muros de seu convento sentou-se, então, num banco à sombra dos olmos. Que calma naquele tempo, *como* desejava os inefáveis sentimentos de amor que procurava imaginar segundo o que lera nos livros.³⁷

Não era Leon que Emma desejava, seu desejo está vinculado às leituras, ou seja, o mediador são suas leituras. Em suma, o seu desejo era por aqueles heróis idealizados das leituras. Ao mesmo tempo o objeto de mediação faz com que Emma sinta-se desiludida. Quando o desejo por seu amante não é mais satisfatório para Emma, este desejo torna-se um conflito, a desilusão amorosa. Então a personagem deseja novas aventuras:

Não deixava de escrever-lhe as cartas amorosas em virtude da idéia que segundo a qual a mulher deve sempre escrever a seu amante. Porém, ao escrever, ela percebia outro homem, um fantasma de suas mais ardentes lembranças, de suas mais belas leituras, e de suas mais belas cobiças; e ele se tornava finalmente tão verdadeiro que ela palpitava, maravilhada, sem poder, todavia, imaginá-lo nitidamente, de tal forma se perdia, como um deus sob abundancia de seus atributos.³⁸

No final do romance Emma suicida-se: “pegou o bocal azul, arrancou a rolha, e mergulhou a mão e, retirando-a cheia de um pó branco, pôs-se logo a comê-lo”³⁹. Esses conflitos de Emma por não realizar seus desejos levam à personagem as insatisfações e a morte é maneira que a personagem encontra para a fuga da realidade atroz a que chegou. Ela é corrompida através de leituras de romances românticos. Em seu enterro, Charles ainda realiza seu desejo:

*Desejo que a enterrem com seu vestido de casamento, com sapatos brancos e uma grinalda. Seus cabelos serão espalhados sobre os ombros; três caixões, um de carvalho, um de acaju, um de chumbo. Que não me digam nada, terei forças. Colocar-lhe-ão por cima uma grande peça de veludo verde. Deseje-o. Que assim seja feito. Os cavalheiros ficaram muitos espantados com as ideias romanescas de Bovary. (Grifo do autor)*⁴⁰

³⁷ Ibid., p. 352.

³⁸ Ibid., p. 360.

³⁹ Ibid., p. 389.

⁴⁰ FLAUBERT, Gustave. **Madame Bovary**. Tradução de Fúlvia Maria Luiza Moretto. São Paulo: Abril, 2010, p. 405.

2.2.2 DESEJO TRIANGULAR NO CONTO *NO MOINHO*

No *Moinho* tem como personagem principal Maria da Piedade “uma senhora modelo”⁴¹. Casa-se com João Coutinho “o marido mais velho que ela, era um inválido”⁴². O Casamento foi por interesse:

E quando João Coutinho pediu Maria em casamento, apesar de doente já, ela aceitou, sem hesitação, quase com reconhecimento, para salvar o casebre da penhora, não ouvir mais os gritos da mãe, que a faziam tremer, rezar, em cima no seu quarto, onde a chuva entrava pelo telhado.⁴³

Então Maria da Piedade conhece um homem totalmente voltado para o mundo romântico (personagem de Adrião), “personalidade interessante, um herói de Lisboa”⁴⁴. Sua vida era até então monótona, dedicada somente àqueles doentes. Logo Maria fica impressionada com o romantismo exagerado de Adrião: ele conquista Maria. Conforme Girard: “Os mais fortes desejos são os desejos apaixonados. Assim, são os desejos dos Outros que estão relacionados a vaidade, pois temos a intenção de desejar mais intensamente que os Outros”⁴⁵. Aqui há um exemplo de mediação interna: ela o deseja não pelo que ele é, mas sim porque outras o desejam (as mulheres choram por ele), isso desperta o interesse de Maria. Deseja imitando as outras mulheres que o desejam:

Adrião era um romancista: e o seu último livro, *Madalena*, um estudo de mulher trabalhado a grande estilo, duma análise delicada e sutil, consagrara-o como um mestre. Maria da Piedade olhava-o assombrada: aquele herói, aquele fascinador por quem choravam mulheres, aquele poeta que os jornais glorificavam.⁴⁶

A fala de Adrião é sedutora porque sugere outra realidade: a realidade idealizada da literatura romântica. Ambos estão unidos pelos mesmos desejos, mas ao mesmo tempo separados, porque muitas vezes o desejo por aventuras não é realizado como nos livros. O passeio pelo moinho representava a exatidão da natureza, a fuga está voltada à natureza, uma das principais características do

⁴¹ QUEIRÓS, Eça de. **No Moinho**. In Universidade da Amazônia – UNAMA, p. 02. Disponível em <www.portugues.seed.pr.gov.br/arquivos/File/eca13.pdf>. Acesso em: 14 jun. 2015.

⁴² Ibid., p. 02.

⁴³ Ibid., p. 02.

⁴⁴ Ibid., p. 04.

⁴⁵ GIRARD, René. **Mentira romântica e verdade romanescas**. Tradução de Lilia Ledon da Silva. São Paulo: É Realizações, 2009, p. 43.

⁴⁶ QUEIRÓS, Eça de. **No Moinho**. In Universidade da Amazônia – UNAMA, p. 03. Disponível em <www.portugues.seed.pr.gov.br/arquivos/File/eca13.pdf>. Acesso em: 14 jun. 2015.

romantismo. Este trecho explica que o mediador se aproxima de ambas as personagens: Ele admira as heroínas, aquele passeio com Maria é que os aproxima: “Adrião achou-o (o moinho) digno duma cena de romance, ou, melhor, da morada duma fada. Maria da Piedade não dizia nada, achando extraordinária aquela admiração pelo moinho abandonado do tio Costa”⁴⁷.

Para Girard “os efeitos do desejo triangular são os mesmos nas duas personagens. Assim que a influência do mediador se manifesta, o sentido do real fica perdido, a capacidade de julgamento paralisada”⁴⁸. Tudo se volta para as leituras e a realidade se perde diante das fantasias. O moinho é descrito com idealização, portanto o local os aproxima mais, pois ambos desejam o mesmo:

Mas Adrião agora, inflamado àquela idéia, pintava-lhe na sua palavra colorida toda uma vida romanesca, de uma felicidade idílica, naquele esconderijo de verdura: de manhã, a pé cedo, para o trabalho; depois o jantar na relva à beira da água.⁴⁹

Ela se identifica com as leituras, logo deseja outra vida, esta que a literatura diz ser possível. Maria leu o livro *Madalena*, escrita por seu amante Adrião, e essa leitura a acalma: “Leu todos os seus livros, sobretudo aquela Madalena que também amara, e morrera dum abandono. Essas leituras acalmavam-na, davam-lhe como uma vaga satisfação ao desejo”⁵⁰.

Sentindo-se abandonada por Adrião, Maria se entrega a leituras românticas e procurava consolo nas heroínas dos romances, heroínas que também eram abandonadas. As leituras de romances românticos estão intermediando seus desejos. Percebemos que o sujeito, objeto e mediador estão cada vez mais próximos na personagem. Maria deseja o que é transmitido pelos romances, logo ela busca consolo por personagens de romances românticos que também sofrem por serem abandonadas:

Chorando as dores das heroínas de romance, parecia sentir alívio às suas. Lentamente, essa necessidade de encher a imaginação desses lances de amor, de damas infelizes, apoderou-se dela. Foi durante meses um devorar

⁴⁷ Ibid., p. 06.

⁴⁸ GIRARD, René. **Mentira romântica e verdade romanesca**. Tradução de Lília Ledon da Silva. São Paulo: É Realizações, 2009, p. 27.

⁴⁹ QUEIRÓS, Eça de. Op. cit., p. 06.

⁵⁰ QUEIRÓS, Eça de. Op. cit., p. 06.

constante de romances. Ia-se assim criando no seu espírito um mundo artificial e idealizado.⁵¹ (Grifo nosso)

Os livros a fazem desprezar a realidade que vive. E a buscar uma outra realidade: a realidade idealizada pelos romances. Quer uma vida com todos os clichês românticos que leu nos livros. Quando o sujeito não consegue atingir o desejo com o amante, sente-se frustrada e entra em conflito com a realidade que vive naquele momento.

Tornou-se impaciente e áspera. Não suportava ser arrancada aos episódios sentimentais do seu livro, para ir ajudar a voltar o marido e sentir-lhe o hálito mau. Veio-lhe o nojo das garrafadas, dos emplastos, das feridas dos pequenos a lavar. Começou a ler versos. Passava horas só, num mutismo, à janela, tendo sob o seu olhar de virgem loura toda a rebelião duma apaixonada. *Acreditava nos amantes que escalam os balcões, entre o canto dos rouxinóis: e queria ser amada assim, possuída num mistério de noite romântica.* (Grifos nossos)⁵²

O narrador faz juízo de valor sobre o Romantismo: “E o romanticismo mórbido tinha penetrado naquele ser, e desmoralizara-o tão profundamente, que chegou ao momento em que bastaria que um homem lhe tocasse, para ela lhe cair nos braços”⁵³. Considera, portanto, “mórbido”. Logo, temos a crítica de Eça ao Romantismo: esse Romantismo exagerado, que traz a perdição da personagem. Depois disso Maria abandona os filhos e sente mais insatisfação; então namora um e vários outros. Ela buscava satisfações do seu desejo, que fora despertado pelas leituras românticas.

3 CONCLUSÃO

Esta análise serviu para refletirmos sobre o papel da leitura de romances nas obras estudadas. Como demonstramos, é perceptível a presença do mediador no desejo das personagens Emma Bovary e Maria da Piedade. Então, entende-se que o desejo por aventuras amorosas não é uma capacidade própria das personagens: esse desejo é mediado pelas leituras de romances românticos.

⁵¹ QUEIRÓS, Eça de. **No Moinho**. In Universidade da Amazônia – UNAMA, p. 08. Disponível em <www.portugues.seed.pr.gov.br/arquivos/File/eca13.pdf>. Acesso em: 14 jun. 2015.

⁵² Ibid., p. 08.

⁵³ Ibid., p. 08.

As leituras de romances são as mediações especificamente nas personagens, mas a mediação pode estar presente até no ser humano, em seus desejos por inúmeras coisas. O desejo mimético, segundo Girard, não ocorre apenas na literatura, mas em todos os âmbitos. Para ele existe sempre o desejo triangular, e é através dele que nós desejamos. Em suma, temos o mesmo desejo, pelo mesmo objeto, logo, entramos em conflito. O motor é a imitação, é a imitação das aventuras e é imitação de conflitos.

4 REFERÊNCIAS:

BAKTHIN, Mikhail. **Questões de Literatura e de Estética: a Teoria do Romance**. São Paulo: Hucited Editora, 2010.

CAMPEDELLI, Y, S. **Literatura História & Texto 2**. São Paulo: Saraiva, 1997.

CULLER, Jonathan. **Teoria literária: uma introdução**. Tradução de: Sandra Vasconcelos. São Paulo: Beca, 1999.

DARNTON, Robert. **Os best-sellers proibidos** da França pré-revolucionária. Tradução de Hildegard Feist. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

FLAUBERT, Gustave. **Madame Bovary**. Tradução de Fúlvia Maria Luiza Moretto. São Paulo: Abril, 2010.

GIRARD, René. **Mentira romântica e verdade romanesca**. Tradução de Lilia Ledon da Silva. São Paulo: É Realizações, 2009.

JAPIASSÚ, Hilton; MARCONDES, Danilo. **Dicionário Básico de Filosofia**. 3. ed. Rio de Janeiro: Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ, 1994.

KUNDERA, Milan. **A arte do romance**. Tradução de Teresa Bulhões. São Paulo: Companhia das Letras

MOISÉS, Massaud. **A literatura portuguesa**. São Paulo: Cultrix, 1994, 26. ed.

QUEIRÓS, Eça de. **No Moinho**. In Universidade da Amazônia – UNAMA. Disponível em www.nead.unama.br. Acesso em: 14 jun. 2015

PROENÇA FILHO, Domício. **Estilos de época na literatura**. São Paulo: Prumo, 2012.

WELLEK, René. **História da crítica moderna, 1750-1950**. São Paulo: EdUSP, 1972.